

CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA

Gilmar Gonçalves da costa

2024

COSTA, Gilmar Gonçalves da.

CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA / Gilmar Gonçalves da
Costa – São Paulo. 1º Ed. Clube dos Autores, 2024.

ISBN: 978-65-00-03307-6

iD ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1722-0843>

Palavras-chave: Ciência, Religião, Conhecimento.

SUMÁRIO

1. Apresentação	04
2. A Sociopatologia das ideias na vida cotidiana das ideias na vida cotidiana na saúde pública	05
3. A Ciência da Religião aplicada à Saúde Coletiva Pública	27
4. A religiosidade na saúde pública: prognostica da Ciência da Religião	49
5. Espiritualidade e psiquiatria: nicho da Ciência da Religião Aplicada	75
6. Acepções sócio-teológicas sobre Maria, como mãe e mulher para a saúde mental	100

1. Apresentação

O livro que o leitor tem nas mãos é fruto de alguns artigos acadêmicos, resultados de vários meses de pesquisa, reflexão e escrita em *Ciência da Religião Aplicada*. Ele foi pensado em 2022, escrito em 2023 e publicado em 2024. Tem como propósito principal uma avaliação dos três anos de atividade intelectual o qual o autor passou por aguda depressão adquirida no seu ambiente de trabalho profissional, Policial Penal. A opção por esta escrita foi desenvolvida como instrumento para enfrentar a patologia depressiva. O texto conta com vários temas diferentes, apenas dois deles são expressões técnicas de desabafo por conta dos conflitos emocionais interno. No início, foi muito difícil devido as dificuldades de concentração por causa da demência, mas com o passar do tempo as ideias foram sendo organizadas e os textos foram configurados e formatados. A escolha do título está relacionada à área de formação acadêmica do autor, já o subtítulo refere aos momentos de travessias de sentidos, muitas vezes sofridos e agoniantes. Assim, os seis primeiros artigos são técnicos aplicados à *Ciência da Religião*, enquanto os três últimos foram elaborados nos momentos de maior angustia, mas sem perder o ritmo e o método acadêmico. Portanto estes artigos, após transformados em livro, objetiva servir para simplificar a *Ciência da Religião Comparada* ou popularizar a inter-relação entre esta ciência e a Saúde Coletiva em benefício daqueles que começam o contato com elas. Portanto, o autor busca fazer uma exposição em que se manifestam conceitos e técnicas pertencentes ao marco da ciência da religião referência para outras áreas de conhecimento suficientes ao alcance de todos. Boa leitura.

2. A sociopatologia das ideias na vida cotidiana na saúde pública

Resumo: O objetivo deste capítulo é refletir sobre a sociopatologia das ideias na vida na saúde pública. Cada sujeito possui sua verdade. A ideia do sujeito é que projeta o objeto. O subjetivismo atribui a fonte de se cada um que tem a sua própria verdade, mesma havendo ter melhor entendimento. Dizer que “o roubo é errado” ou “o roubo é certo” equivale a dizer “gosto de pizza” ou “não gosto de pizza”. Aí intui a proposição da sociopatologia das ideias. Nos dois casos há apenas uma divergência de gostos pessoais e não há qualquer possibilidade de dizer que um está certo e outro errado. Hegel é um filósofo autêntico e versátil navegando, também, no exame sobre a sociopatologia de ideias referentes à saúde pública, por exemplo. Compreender os discursos filosóficos e das ciências da saúde referente de “patologias de ideias” aplicadas à saúde coletiva é de suma relevância para superar patologias. Para isso a subjetividade está em cena, ao passo que ela atua em nossa consciência-em-Si mesmo e do Outro. Portanto, essencial entender que ela é uma forma acadêmica de descrever uma pessoa que tem o transtorno de personalidade cognitiva. Os indivíduos com sociopatologias “não conseguem entender” os sentimentos dos outros e, além disso, quebram regras, tomam decisões impulsivas e não sentem culpa ou remorso: sociopatologias.

Palavra-chave: Sociopatologia, Saúde, vida.

Introdução

Cada sujeito possui sua verdade. A ideia do sujeito é que projeta o objeto. O subjetivismo atribui a fonte de se cada um que tem a sua própria verdade, mesma havendo ter melhor entendimento. Dizer que “o roubo é errado” ou “o roubo é certo” equivale a dizer “gosto de pizza” ou “não gosto de pizza”. Aí intui a proposição da sociopatologia das ideias. Nos dois casos há apenas uma divergência de gostos pessoais e não há qualquer possibilidade de dizer que um está certo e outro errado. Veja, portanto, que

“a ênfase é posta no não saber, a fim de desfazer o status privilegiado que a filosofia do sujeito concede à reflexão como aquilo que caracteriza a consciência. A consciência, destaca o filósofo, é por definição consciência de si, logo, consciência de si não reflexiva; como a consciência de si refletida é intermitente, seria, de fato, admitir entre os momentos de reflexão o absurdo de uma consciência inconsciente. Em outras palavras, a consciência de si não é o conhecimento de si. O ter-de-ser é o modo de ser da consciência, que é assim um existente. O sujeito é, já a consciência não é conduzida por nenhum ser, porque ela é, explica Sartre, um absoluto, um absoluto de existência. A consciência não é de modo algum a consciência de um sujeito. Se assim fosse, ela só teria a função de refletir o ser do sujeito (na filosofia do sujeito, a consciência de si é necessariamente uma consciência de si refletida, isto é, uma consciência que retorna ao ser do sujeito). A consciência não é a consciência de um sujeito porque, na ordem conceptual elaborada por Sartre, a consciência vem substituir o conceito de sujeito. Esta formulação ainda é aproximativa, pois a consciência não vem ocupar o lugar do sujeito, ela redesenha a geografia que a filosofia do sujeito havia instituído. O que

não percebem os autores que, desatentos, observam que Sartre instilou certa dose de subjetividade em um ambiente lugubrememente objetivista” (SARTRE, 2015, p.11).

Pelo parecer, percebe-se o quando Sartre diz que o ser-para-si, a consciência, é, nada mais do que a própria relação, o que ela está regozijando. Sartre (1998) mencionou que a consciência neste é sempre se lançar em direção ao ser-em-si mesmo. Para a filosofia sartreana o homem é livre para escolher, já que possui consciência. Essa consciência gera a intencionalidade das ações praticadas e envolve a sociedade e, ou, na sociedade, pois a liberdade é uma pesada obrigação que traz a responsabilidade com seu destino e com o dos outros a sua volta. Na Fenomenologia dele, a consciência de si apresenta-se como a consciência prática, que vive situações atemporais da existência humana; como o desejo, o reconhecimento, e a luta por independência; isto é, situações que não são particulares de algum momento histórico. A consciência filosófica é reflexão, mas não é qualquer reflexão, é refletir a própria reflexão e colocá-la em teste. É uma reflexão radical, que busca examinar os fenômenos em profundidade. É reflexão metódica, sistemática, que procede; portanto, por métodos determinados pela epistemologia. Ela busca examinar os fenômenos em seu contexto, em sua totalidade, o que é chamado de *Absoluto*, para SARTRE (1905-1980). Ele ressalta, "o importante não é o que fazemos de nós, mas o que nós fazemos daquilo que fazemos de nós". Ele quer intui que

“o existente, com efeito, não pode se reduzir a uma *série finita* de manifestações, porque cada uma delas é uma relação com um sujeito em perpétua mudança. Mesmo que um objeto se revele através de uma só ‘Abschattung’, somente o fato de

tratar-se aqui de um sujeito implica a possibilidade de multiplicar os pontos de vistas sobre esta ‘Abschattung’. É o bastante para multiplicar ao infinito a ‘Abschattung’ considerada (Idem, p. 17, grifos do autor). O novo dualismo (*finito-infinito*) que a *variação eidética* husserliana traz à tona parece não satisfazer o pensador francês na sua investigação em torno do fenômeno de ser. Embora o método da “redução” tenha como propósito “depurar” o fenômeno e buscar no mesmo o componente “invariável” (“essência”) da aparição, ele deixa sempre no ar a possibilidade de outras *Abschattungen* (*perfis*) virem a lume, ou seja, ele conduz a série de aparições do objeto ao infinito (SARTRE, 2015:19).

Por isso que há intercessão entre Sartre e Hegel é íntima, pela consciência possibilita ao Homem pensar o mundo que o rodeia e, é nela que estão enraizados o sentimento de existência, o pensamento de morte, por exemplo. A consciência é a essência do ser humano e fonte de conhecimento e de verdade. A relação entre consciência é o que permite a escolha seja de fato universal. Se a consciência é livre e pode escolher, quando isto se dá, quer dizer que é escolher a liberdade para todos os homens, pois se escolhe o homem (a consciência). O para-si é "o ser da consciência como sua condição de possibilidade" (SARTRE, 2014, p. 121). Dividindo-se o termo para-si, tem-se que, para indica a sua transcendência é o movimento de saída em direção ao faltante, em-si. É a busca pela completude, pelo preenchimento do nada. Para tanto, o conceito de consciência em Sartre ganha uma nova dimensão, se distanciando da tradição filosófica. Influenciado pela Fenomenologia, Sartre rompe com a filosofia do sujeito e nos apresenta uma nova forma de compreender a consciência, imortalizando a frase: “a

existência precede a essência”. A filosofia sartriana é singular no âmbito do pensamento contemporâneo quanto a questão da consciência. Sartre inicia sua investigação a partir da herança da filosofia moderna, reconhecendo o mérito do fim da dicotomia essência e aparência, porém rejeita a saída utilizada do subjetivismo. É diante deste panorama que se ocupa com a sociopatologia das ideias cotidiana no serviço público.

A sociopatologia das ideias na vida cotidiana na saúde pública

A abordagem presente comprime-se nos estudos de Hegel (2002). Através da análise das figuras históricas, é promovida a compreensão de como se dá a idealização do natural para o espiritual e se esta elevação é necessária e adequada. As formas de arte propostas pela divisão hegeliana são possíveis observar o nível de elevação e de idealização que estas alcançaram, e como cada uma destas se demonstram. Significa dizer que a representação do divino é recorrência necessária na história dos povos e nos aspectos religiosos presentes em formas de manifestações; concretizando a ideia suscitada, como conteúdo em forma útil para tornar possível sensibilidade da vida. Para cada período histórico, Hegel determina uma forma representativa, e as obras e formas particulares se articulam com as três formas de arte estabelecidas por ele: arte simbólica, arte clássica e arte romântica. Assim, o filósofo alemão atribui o mesmo significado que pode ser alcançado da arquitetura com sua manifestação através da matéria pesada em consciência-de-si mesmo e do Outro. É notório que a filmagem de Hegel e sua forma de pensamento passou influência de Freud (1859-1939),

devido seus conceitos, significados e formas epistemológicas configurastes e reconfigurastes serem assistidas pela Academia e autores de grande calibre não acadêmicos. Vincula-se com este para somar aos fundamentos os quais serão valiosos e fardos para analisar estruturas e funcionamento público de saúde da população, constituindo substâncias para a vida cotidianas das pessoas. Bem como, na teoria lacaniana¹, das décadas de 1950 a 1980, ademais ocupa lugar fundamental no conhecimento e no discernimento de desejo: "Ele é uma mistura de prazer e insatisfação - ou também pode ser de dor e satisfação -, que nos torna apegados a formas de relação conhecidas como sintomas, inibições ou angústias". Em outras palavras,

“a filosofia nos ensina que desejo é uma força que se dirige a um fim o qual é considerado, pela pessoa que a contém, uma fonte de satisfação que pode ser consciente/inconsciente ou reprimida. Por outro lado, a vontade é a capacidade fantástica de querer, de, com liberdade, praticar ou deixar de praticar uma ação sob o comando da razão. Dessa maneira, é preciso querer para transformar algo em vontade. Em suma: desejo é necessidade instintiva do corpo e a vontade é uma decisão deliberada, representativa da ação vigorosa e determinante da mente sobre o corpo” (MOURA, 2019)².

Interpretar o desejo é restaurar aquilo que o sujeito não pode ter acesso por si só; a saber, o afeto resignante do ser e situante no

¹ “É um sistema teórico que explica a mente, o comportamento e a cultura através de uma extensão estruturalista e pós-estruturalista da psicanálise clássica”. Acessado em 20/02/2024:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lacanianismo>

² Conforme José Valdez de Castro Moura. Acessado em 20/02/2024 no: <https://jornaltribunadonorte.net/noticias/desejo-x-vontade-uma-visao-filosofica/>